

TRAGÉDIA NO SUL

No litoral, cidade superlotada

Destino de veraneio está com população quatro vezes maior em razão dos desabrigados que fogem das regiões inundadas

» MAYARA SOUTO
Enviada Especial

Capão da Canoa (RS) — A 135 quilômetros da capital gaúcha, entre o mar e a Lagoa dos Quadros, está localizada a praia de Capão da Canoa. O município costuma ser destino das férias e feriados de grande parte da classe média e média-alta que vive na região metropolitana. No verão, os locais já estão acostumados a enfrentar grandes filas no mercado, trânsito lotado, carros espremidos para estacionar na avenida principal e comércio movimentado. Porém, em pleno início de frio no estado, a rotina é típica de uma semana de janeiro ou fevereiro. O motivo: os gaúchos viram no Litoral Norte um refúgio para escapar das enchentes.

“Estamos na casa dos nossos compadres porque lá em Canoas não tinha onde ficar. Os abrigos estão lotados e tem muita confusão, briga. Aí optamos por vir para cá”, conta Carmem de Souza, 30 anos, que perdeu tudo que tinha na enchente. Ela faz parte das 2 mil pessoas que a prefeitura afirma que passaram por acolhimento, bem como outras 5 mil que estão na casa de familiares e amigos. Além disso, há a estimativa de que 150 mil pessoas que possuem residência litorânea também tenham se transferido. No total, mais de 200 mil pessoas estão concentradas em Capão da Canoa — contingente quase quatro vezes maior do que a população fixa da cidade. Esse número aumenta todos os dias.

Entre os desabrigados, há muitas histórias dramáticas. “Perdemos tudo. Minha casa estava tampada pela água. Saímos antes porque a gente mora perto do rio dos Sinos, a água estava vindo por todos os lados. Mas, a minha irmã foi resgatada de cima do telhado da casa de dois pisos do meu pai, com outras seis pessoas e o bebê dela de um mês”, relembra Carmem. Ela reclama muito da demora para que os entes fossem resgatados.

Junto com o marido e as duas filhas pequenas, Carmem esperava no ginásio de uma escola de Capão da Canoa a retirada das doações de roupas, alimentos, produtos de higiene e limpeza.

Mayara Souto



Carmem de Souza, o marido e as duas filhas saíram de Canoas para Capão da Canoa: casa inundada, cinco dias sem banho e ajuda no litoral

Mayara Souto



Ginásio de escola municipal virou centro de distribuição de doativos

Ela lembra dos momentos críticos pelos quais passou em Canoas. “Não tinha água lá, ficamos cinco dias sem banho até chegar aqui. Eu emagreci um monte e desidratei”, conta.

A secretária de Cidadania,

Trabalho e Ação Comunitária do município, Renata Klein, explica o atendimento local. “As pessoas cinco dias sem banho até chegar aqui. Eu emagreci um monte e desidratei”, conta.

ONDE FICA

Capão da Canoa

Situada a 135 km de Porto Alegre

População: 63 mil (IBGE-2022)

Área Territorial: 98,3 km²

- Alto desenvolvimento econômico durante o verão (novembro-março)
- População triplica durante a temporada
- Construção civil e comércio são as principais atividades econômicas
- Maioria dos moradores fixos são idosos
- Muitos moradores da capital e região possuem casas de praia no local

Efeitos das enchentes

2 mil pessoas passaram pela triagem municipal para receber doações

5 mil se transferiram para o município em razão das cheias

150 mil com casa de veraneio na região estão na cidade



Valdo Virgo/CB/D.A Press

sejam confortáveis para as faixas etárias. Se precisar de atendimento médico, tem um Centro de Saúde ao lado, que eles passam, consultam com o médico, vê se precisa de medicação e lá também têm uma farmácia com alguns medicamentos, além de psicólogos, dentistas, o que for necessário”, descreve.

Segundo a secretária, toda a estrutura de acolhimento foi construída às pressas, conforme iam chegando pessoas resgatadas das enchentes, por volta de 4 de maio. Em 10 dias, o local virou exemplo de organização, com setorização de doações, atendimento das pessoas que buscavam auxílio e até equipe do cartório para refazer a documentação, de forma gratuita, de quem a perdeu durante as chuvas.

Ao lado do centro de distribuição de doações, uma tenda da Secretaria de Saúde oferece atendimento com enfermeiros, consultório médico, espaço kids e uma farmácia. Lá estava Raquel Nunes, 25, brincando com os sobrinhos Maria Isabella, 8, e Evandro Micael, 14. Eles chegaram há cerca de uma semana, após serem resgatados em Eldorado do Sul.

“Agora, a água deu uma baixada lá, mas começou a subir de novo. A gente ainda não sabe quando vai voltar para casa... Foi um filme de terror, eu nunca tinha visto aquilo lá. Eu me criei lá e é a primeira vez que eu vi isso”, lembrou triste a gaúcha. Segundo ela, todos foram para a casa da irmã, que era de dois andares, onde ficaram do dia 3 até 5 de maio para serem resgatados.

“Eu fui a primeira a ser salva de jetski, mas eu chorei bastante, falei que amava minha mãe e não queria ir sem ela. Eram dois estranhos que eu não conhecia, mas eu fui, fiquei molhada até o Joelho e esperei eles. O Davi foi na mochila, nas costas, meu irmão de um mês. Depois, ele andou com a gente de trator e caminhonete”, lembra a pequena Isabella, que considerou uma “grande aventura” o que viveu. A tia dela aguardava com os pequenos um atendimento médico para infecção urinária, que foi um dos reflexos do tempo que passou molhada.

Secretário vê situação crítica: “Eu já implorei para o estado”

Com a população mais do que triplicada, todas as áreas públicas estão sendo aproveitadas para acolher as vítimas das enchentes. Mas há grandes desafios.

“O litoral está abraçando tudo. Estamos tentando nos organizar para receber essas pessoas. Não é o nosso público de veraneio, são pessoas diferentes. Mas a gente está preocupado porque temos um hospital na cidade que já sinalizou que

talvez vá colapsar por falta de insumos. A nossa UPA está fazendo contagem o tempo todo. Se a gente não conseguir que venha medicação e insumos necessários, hospitalar mesmo, a gente vai ficar sem”, afirma preocupado o secretário de Saúde do município, Tiarlin Ablang.

Para ele, há falta de reconhecimento do governo estadual do alto fluxo de pessoas no Litoral Norte. “Eu entendo que neste momento está mais preocupante

lá (em Porto Alegre). Mas eu já implorei para o estado que pelo menos 1% desses 100% seja olhado para nós que estamos acolhendo”, lamenta. Nesses primeiros dias, o funcionamento da tenda de saúde está sendo garantido por voluntários e doações de medicamentos de farmácias e de vaquinhas dos próprios profissionais de saúde.

“A movimentação de agora está beirando a população de 300 mil pessoas em Capão da

Canoa. Isso é semana de verão. Temos uma população estimada de 90 mil que possuem cartão SUS daqui. A cidade está preparada para acolher essas pessoas, evidentemente que não o público fixo, a gente precisaria fazer algumas coisas. Mas, transitório, podemos dar toda a assistência necessária”, explica Marcelo Ramos, secretário de Turismo e Desenvolvimento Econômico da cidade.

A grande movimentação,

no entanto, tende a permanecer. “Muitas pessoas que a gente atende já falam em ficar. A gente já ouviu falar de pessoas que voltaram quando baixou a água e não sabem mais nem onde era o terreno porque só ficou lama. As pessoas têm até receio de passar por tudo isso de novo. Então, vão procurar outras cidades, e Capão da Canoa já é muito procurada, como foi durante a pandemia. As pessoas vieram trabalhar em home office e acabaram ficando.

Alguns falam que já conseguiram emprego e já tem solicitação de vaga nas escolas”, conta a secretária da Cidadania.

Os secretários ouvidos pelo **Correio** estão receosos com o que chamam de transição “árdua”. Não será fácil a adaptação para uma população que ainda pode aumentar muito. Principalmente pela limitação de recursos. Eles ressaltaram que a preocupação, no momento, é acolher a todos que chegam.



ALEXANDRE GARCIA

A PRESSÃO QUE EMPURROU PACHECO E LIRA RESIDE NO SUPREMO. JÁ HAVIA CINCO VOTOS PARA ANULAR AS DECISÕES DO CONGRESSO, SÓ FALTANDO UM. ACERTARAM COM O SUPREMO A SUSPENSÃO DA AÇÃO, EM FAVOR DO ACORDO QUE VAI REONERAR A FOLHA ANUAL E GRADUALMENTE A PARTIR DE 2025 ATÉ VOLTAR A 20% EM 2028.

Os meios e os fins

Os fins justificam os meios? A ministra Cármen Lúcia pensou que sim quando, nas vésperas do 2º turno, justificou a censura “em caráter excepcionalíssimo” mesmo após sua convicção expressa no “cala a boca já morreu”. Agora, com o fim de reforçar a previdência social, os meios são acordos que anulam decisões claras do Legislativo. O Congresso Nacional dos representantes do povo

e dos estados aprovou a prorrogação por quatro anos da desoneração da folha, vigente desde 2012, tempos de Dilma. Em 2020, Bolsonaro vetou a prorrogação, mas o Congresso derrubou o veto e o seu governo acatou a vontade do Legislativo. Agora, não.

Foi marcante a vontade dos representantes do povo: 430 deputados votaram a favor e só 17 contra. No Senado, foi quase

unânime; votação simbólica. O Presidente Lula vetou o veto foi derrubado no Congresso por eloquentes 60 a 13 de senadores e 378 a 78 de deputados. Ainda assim, o Presidente baixou uma medida provisória contrariando a vontade de essas maiorias. E a MP ficou parada, nem foi considerada, por motivos óbvios. Aí, o governo apelou ao Supremo, alegando inconstitucionalidade de criar renúncia

fiscal sem apresentar impacto orçamentário. Estranho ser agora inconstitucional após uma dúzia de anos de vigência pacífica.

Argumentando que já estava com o ministro Cristiano Zanin uma ação semelhante, o governo pediu que o recurso, com pedido de liminar, tivesse como relator o ex-advogado pessoal de Lula. E Zanin concedeu a liminar. Um homem, sem voto, contrariou 438 representantes eleitos. Desespero em 17 setores que empregam mais de 9 milhões de pessoas e em prefeituras de pequenos municípios.

Sem conseguir pagar 20% sobre a folha de abril — a recolher até 20 de maio — muitos teriam que desempregar, diminuindo o tamanho da folha. No Brasil, paga-se imposto até para dar emprego. Para cada mil reais de salário pode-se pagar até 1.600,00.

Aí, inventou-se um jeitinho, ignorando as decisões do Legislativo. E, pior, com a participação do Presidente do Senado e do Presidente da Câmara, como se eles fossem os donos dos votos dos deputados e senadores. Os dois atenderam à reivindicação

de Lula e Haddad e desobedeceram 438 parlamentares. A pressão que empurrou Pacheco e Lira reside no Supremo. Já havia cinco votos para anular as decisões do Congresso, só faltando um. Acertaram com o Supremo a suspensão da ação, em favor do acordo que vai reonerar a folha anual e gradualmente a partir de 2025 até voltar a 20% em 2028. Pela paz imposta, como a pax romana, entre os poderes, sacrificou-se o primeiro deles, o Legislativo. Só falta a missa de requeiem pelo Parlamento.